

## 2 Prólogo

Impressionada com a agitação política que se desencadeia na cidade do Rio de Janeiro, desde o alvorecer do novo ano de 1889 — já temível na sua significação centenária — e receosa de que tal estado de coisas viesse a desestabilizar o gabinete João Alfredo, que apoiava, a *Revista Ilustrada*, através de seu mais destacado articulista, cria esta significativa parábola:

Nunca detestamos tanto essa senhora [a política], como nos últimos tempos, em que ela tem representado para o Brasil, o papel perturbador de uma verdadeira sogra!

Nosso país afigurasse-nos uma espécie de lar doméstico (...) mas carecido de paz, de aconchego íntimo (...).

Como nas famílias onde se dá um casamento contra a vontade de alguns parentes, havia ressentimentos a aplacar, indisposições a vencer, lutas passadas a mitigar.

Os noivos, que podíamos representar pelo Sete de Setembro e pela Abolição, na suas alegrias festivas, tinham conseguido já que seus parentes se resignassem, embora murmurando ...

O tempo traria o perdão (...).

Os negócios caminhavam, perfeitamente e por toda a parte reinava a abundância e o bem estar.

Era precisa essa paz patriarcal (...). Não havia nenhuma questão doméstica (...) a assombrar o futuro.

Mas, nisto, a sogra lembra-se de visitar os nubentes — arma uma intriga de mil diabos e quase deita tudo a perder ... (...) ela insinua à dona da casa, que a sua vida é intolerável, que está enclausurada, que não tem liberdade alguma, que isto não é paz doméstica, mas despotismo!

Esta, com tais sugestões começa (...) a mostrar-se de uma exigência feroz. (...) e por um triz que a bela paz doméstica não se vai pela água abaixo, chegando até ao — divórcio.

E tudo isto porque (...) a política, quis tomar nas almas o lugar que competia ao simples patriotismo.

Afastemos, pois, a intrusa, que tudo perturba, que tudo disforma (...) que exalta as paixões (...) e que só gosta de dominar sobre as ruínas.

Não confiem nos seus sorrisos!

(...)

Cuidado com a perfídia!

O melhor é a gente fingir que concorda com tudo o que ela diz, para não a irritar mais e, jeitosamente, ir tratando de a por no olho da rua.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Júlio Verim, “Tréguas à Política” in *Revista Ilustrada* de 19 de janeiro de 1889.